A vida do Corpo

[1] Marta Coutinho

martapereiracoutinho@gmail.com

https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.135

Quando recebi o convite para escrever um artigo sobre arte e educação há umas semanas atrás, o mundo era outro... Vivemos hoje um momento da História no qual sentimos, mais do que nunca, que habitamos um único planeta e que todos nos interligamos. O isolamento social, a situação de pandemia causada pelo vírus covid-19 "re-transforma" o mundo...

Nesta pausa onde tudo se reequaciona, que reflexão se impõe fazer sobre arte e educação? Qual a sua pertinência? A educação poderá ser plena numa altura em que a relação professor/aluno/colegas se dá à distancia, através de plataformas digitais? E qual a finalidade da arte numa época de distanciamento social? Por fim, serão efetivamente arte e educação indissociáveis?

Parto para a escrita deste artigo com estas questões em mente e, ao invés de tentar responder a cada uma de forma isolada, começo por partilhar a história de parte da minha vida.

Nos anos 80 frequentava o 7º ano na escola pública Padre António Vieira em Lisboa. Um dia, novidades nas paredes da escola – cartazes anunciavam o Projeto PAIDEIA, uma semana de experiências artísticas chegava à escola. No pátio foi montada uma enormíssima tenda cujo espaço interior trazia a qualidade de teatros e bibliotecas de topo. Para aceder a este mundo e experimentar a arte do corpo, da voz, do teatro, bastava dizer: quero inscrever-me. Tivemos dispensa das aulas que coincidiam com o horário do projeto e assim pudemos dedicar-nos à descoberta da prática artística. O espaço dividia-se numa zona com um maravilhoso chão de linóleo para trabalharmos o movimento, a dança, o teatro, a voz e uma zona de biblioteca com cadeiras e almofadas para ler livros sobre artes performativas e ver vídeos de espetáculos numa televisão com leitor de cassetes. Em resumo, um sonho tornado realidade... Aliás, nessa época, acho que nem conseguíamos sonhar bem com uma coisa assim... Era um mundo mágico, "muito à frente"...

[1] Artista, professora, produtora, trabalha nas áreas da dança e educação em projetos multidisciplinares com pessoas de todas as idades. Cria o seu trabalho principalmente através da dança contemporânea e tradicional/mundo, sendo fortemente influenciada pelos ritmos ibéricos, africanos e brasileiros.

Uma semana a experimentar "fazer" com o corpo - ideias, sensações, emoções, gestos de rua transformados em danças de palco, de chão de linóleo... Uma semana de descobertas e cumplicidades guiadas pela Manuela Pedroso, cuja vida profissional se move entre o teatro e a educação neste PAIDEIA sonhado, criado e levado a cabo pela Madalena Victorino – uma referência incontornável na história da dança/educação, dos espetáculos para a infância e da arte e comunidade. Não deixem de conhecer o seu trabalho, não deixem de a conhecer a ela. Foi precisamente com a Madalena Victorino que fui ter após a conclusão deste projeto na escola para receber conselhos sobre como prosseguir este trabalho. Queria saber mais sobre este mundo artístico, pois tinha já uma certeza no coração: "é isto que eu quero fazer na vida".

Ainda sobre o projeto PAIDEIA, não posso deixar de referir que todos os alunos tiveram que apresentar autorização dos respetivos encarregados de educação para participar no projeto, tendo alguns interessados ficado de fora porque os pais não os autorizaram a faltar às aulas necessárias. Ou seja, é fundamental que escola e arte não estejam dissociadas, mas é também de extrema importância envolver as famílias no processo educativo ao longo de toda a escolaridade e não só quando os seus filhos estão no pré-escolar ou no 1º ciclo. O envolvimento familiar será certamente diferente em cada etapa, mas deve ser contínuo. Casa/escola em diálogo poderão ver a "pessoa" do aluno na sua globalidade e assim ir ao encontro real quer das suas dificuldades quer de potencialidades e desejos.

Porque me pareceu importante contar aqui esta parte da minha própria vida? Porque vivi a experiência de ver um projeto artístico-educativo de enorme qualidade entrar na escola onde estudava e assim vivenciar uma perspetiva artística da vida. A mim, a arte levou-me com ela. A outros dos meus colegas entrou no coração e fez com que continuassem para sempre a procurar espetáculos para ver e manter viva em si a experiência de olhar o mundo de uma outra forma.

Tenho dedicado a minha vida profissional à criação e desenvolvimento de projetos artístico-educativos com pessoas muito diferentes, de idades muitíssimo variadas e vidas completamente díspares. E é belo quando alguém se entrega ao prazer da descoberta do movimento, da dança; quando se mantém viva a curiosidade. A curiosidade por si próprio e pelas suas potencialidades criativas e também pelo outro – pela Humanidade, pela natureza de onde vimos e da qual somos parte. E é a curiosidade e a disponibilidade com que nos entregamos à vida que nos faz continuar a transformar e, no fundo, a amar a própria vida, da qual fazem organicamente parte arte e educação.

Mas no contexto educativo, devem as práticas artísticas dirigir-se apenas às crianças, aos jovens, aos estudantes? Parece-me que não podemos dissociar os alunos dos professores, dos educadores, dos agentes educativos em geral. Só se poderá compreender a real dimensão e importância das práticas artísticas se as mesmas forem vividas por todos, em conjunto. Tenho criado e feito parte de projetos que fomentam esta tese – quando os mesmos são guiados por um artista que consegue ter a atenção, concentração, vontade, disponibilidade e entrega quer de alunos quer de professores e auxiliares educativos, a transformação do próprio grupo é gigantesca. Esta transformação dá-se simultaneamente em cada indivíduo e no grupo (não tendo necessariamente que ocorrer em todos no mesmo dia e hora...). Alunos e agentes educativos olham-se de outra forma, descobrem afinidades, reconhecem no outro qualidades e capacidades desconhecidas e cada um encontra em si uma vibrante potencialidade criativa.

Assim, a arte não pode ser vista no contexto escolar como um momento de "entretenimento" dos alunos. A arte faz parte das múltiplas experiências que nos fazem crescer de forma plena, consciente e livre. O entretenimento é importante, faz-nos divertir de forma despreocupada e leve; podemos relaxar ao ver concursos de dança na televisão, por exemplo... – mas não nos faz criar, refletir, conhecermo-nos a nós próprios e ao outro, não nos ajuda a crescer. E por isso é extremamente importante não confundir a prática artística com entretenimento.

Ao trabalhar o corpo, o movimento, a dança, tenho conseguido "ver" descobertas maravilhosas quer nos corpos dos outros quer nas palavras que os próprios libertam sem dar por isso: "eu pensava que não podia dançar, que não era capaz", "nunca imaginei que ela fizesse coisas tão lindas com o corpo em movimento", "ainda não tinha percebido que aquele miúdo precisava de tantos abraços", "disse aos pais que quando ele dança, ficamos todos emocionados", "estamos a mostrar quem somos mas sem palavras", "não sabia que a dança criativa era isto...", "hoje fiquei mesmo orgulhosa da minha filha...", "pensava que a dança era só para passar o tempo", "afinal está sempre tudo em movimento, com ritmo em todo o lado", "sinto-me feliz a mexer o corpo", "descobri que sou bom a inventar ideias", "é bom quando no fim da dança paramos e fechamos os olhos", "depois da última sessão de dança foram para a sala de aula com vontade de escrever um poema sobre os seus movimentos", "tu ficas toda despenteada quando danças", "antes não gostava que estivessem todos a olhar para mim, mas agora já não me importo", "estou relaxado", "é bom quando rebolamos no chão e rimos", "não sei explicar com palavras mas sinto-me bem", "estou sempre a pensar em dançar", "eles ficam mesmo sossegados e tranquilos no fim, com o relaxamento"...

O movimento está em nós. Mesmo antes de nascermos já se observam os movimentos fetais, o ritmo do coração do bebé e o deste em relação ao da mãe. Ao nascermos - movimento, ritmo, som. O corpo é belo, sempre. Todos os corpos têm um extraordinário poder criativo e expressivo. Só há que não esquecê-lo, não colocá-lo de lado, na prateleira das coisas que parecem supérfluas e dispensáveis... Aproveitemos pois a primeira ferramenta que nos dão - o corpo.

A arte faz-nos sentirmo-nos fortes e capazes de nos mantermos juntos e unidos, sentirmo-nos humanos, livres. No entanto, voltando ainda às minhas questões iniciais, como poderemos agora gerir tudo isto à distância? Com as novas ferramentas digitais podemos comunicar em tempo real - podemos ouvir e ver o outro; podemos ver espetáculos das mais diversas áreas artísticas; podemos realizar pesquisas online, "visitar" bibliotecas, teatros, museus; contactar pessoas no outro lado do mundo e saber como se sentem, como dançam, que música ouvem... É impossível substituir o contacto físico, a relação direta, mas é possível encontrar formas de cultivar a cultura, o conhecimento, a criatividade, o amor.

Agora, nesta época de transformação global, apesar de me sentir ativa e em contacto com o mundo, com os outros... Como artista, professora, formadora que sou, desejo, mais do que nunca, que em breve nos possamos abraçar e dançar a vida!

Figura 1. Pormenor de exercício de movimento. Fotografia: Laura Rego